



André Guerreiro

11 de junho de 2020 · 🌐



09/06/2020, reflexões de um professor de Sociologia de Curitiba – PR.

Sou professor PSS da rede pública do estado do PR (professor contratado e precarizado). Leciono a disciplina de Sociologia para turmas do EM. Sou bacharel e licenciado em Ciências Sociais, tenho mestrado nesta área e doutorado em Educação.

Meu relato se associa as minhas percepções deste período de educação via apps (Escola PR e classroom). Sei que a educação presencial está temporariamente impossibilitada. Também não sou absolutamente contrário à educação à distância. Contudo, o que tem acontecido no PR é desalentador.

Definitivamente este processo escancarou algumas situações incômodas na escola. Se até então eu percebia a escola muito mais como o local da vigilância de normas e corpos do que das trocas e do aprendizado, a EaD deixou tudo isso mais patente ainda. O que se vê é um total despreparo de docentes para lidar com a situação. Sem dúvida há o problema da falta de formação. Mas não é disto que estou me referindo. Aponto para uma perversão que se torna visível a todo o momento, com professores/as exercendo sobre os/as discentes a mesma pressão que recebem da secretaria de Educação, sem nem ao menos refletirem sobre o quanto esta situação esconde uma continuidade na hierarquia das relações de poder. Ou seja, temos docentes super cobrados e sem formação que a reproduzem da mesma maneira, ou até pior.

Se fala muito em empatia, porém, as ações são o antônimo perfeito deste vocábulo. Não há respeito pelo momento em que nossos estudantes também estão passando. Só se discute a importância de se “resgatar” estudantes que não acessaram as plataformas e não estão realizando as atividades a contento. Não se discute a quantidade absurda de tais atividades. Não se pensa que muitas vezes nossos estudantes tem irmãos/ãs que também tem suas inúmeras atividades e que em sua maioria não dispõem de outros dispositivos para cumprir com “as metas”. Penso que estamos vendo uma metodologia fordista na Educação. Se produzem todas as justificativas para as cobranças, posto que se toma os/as discentes como indivíduos que não querem fazer as atividades. Pergunto-me quando foi que decidimos que quantidade é qualidade? Quando foi que professores/as assumiram o papel (e tem gostado) de supervisores industriais da produção discente?

Até hoje não consegui achar uma brecha para questionar esse processo. Este processo engole docentes. Estamos ligados em todas as tecnologias e desligados da reflexão cotidiana (e necessária) das práticas educacionais. Professores cobram relatórios, pesquisas, análises e esquecem (ou sequer imaginam) que a ampla maioria de estudantes teria que produzir estes relatórios, pesquisas, análises em um teclado de celular, numa tela pequena, que sem dúvida alguma especialistas em visão diriam ser prejudicial para o bem estar visual. Imaginem alguém produzir inúmeras atividades por dia numa micro tela? Dirão meus colegas que “eles” (quando foi que a escola se tornou o espaço dicotômico do eles X nós?) sempre usaram o celular para o lazer. Aqui a escola mostra o seu caráter reprodutivo do conservadorismo condenando que crianças e adolescentes tenham lazer.

O último ponto que julgo ser pertinente relatar é que na ausência de reflexão da prática docente, colegas de profissão se ausentam da reflexão civilizatória. Esquecem que NINGUÉM sabia que teríamos uma pandemia, ou seja, NINGUÉM É CULPADO desta circunstância extraordinária. Nem docentes, nem discentes deveriam ser obrigados a produzir como se estivéssemos em dias letivos normais porque NÃO estamos! Todavia, como na produção em série o trabalhador é instigado a produzir sem reflexão para alimentar a lógica de maior produção para maior lucro (do patrão), massificando os trabalhadores. Ao se massificar perde sua originalidade e se descola dos seus pares. Assim, e somente assim, consigo entender - com muito custo - como podem professores/as exercer uma vigilância constante cobrando a todo minuto de seus estudantes a execução de tarefas? Esquecendo que atualmente com mais 37.000 mortos pela COVID-19 torna-se óbvio que fatalmente algumas destas mortes são de parentes de nossos alunos/as, ou até mesmo deles/as. Quando foi que professores/as deixaram a produção em massa tomar seus corações, fazendo com que não recordem que a cada minuto que um/a aluno/a usa para fazer nossas incontáveis tarefas, pode ser os últimos 60 segundos que estaria na companhia de seus avós, de seu pai de sua mãe? Quando foi que professores assumiram para si a tarefa de ser algoz de seus estudantes?

De que distância estamos falando nesta EaD? Da distância corporal ou da distância nossa, enquanto educadores/as dos valores civilizatórios como empatia, alteridade e respeito por nossos estudantes? Estamos nos distanciando de nossa humanidade.

Como professor só posso pedir desculpas, e dizer que me sinto envergonhado e entristecido com tais práticas.

Que meus e minhas alunos/as queridos/as possam nos perdoar.

GUIA 1 • NARRATIVAS ORIGINAIS

Narrativas originais

[Ver guia completo](#)

10

Curtir

Enviar

Os comentários foram desativados para esse post.